

O quintal de Dona Iracema e Seu Dodô



Lá na comunidade Pereirão, no interior do município de São Miguel do Tapuio, vive um simpático casal de idosos, Seu Francisco Alves Neto, também conhecido na comunidade como Seu Dodô, e Dona Iracema Gonçalves Marques. Pais de 12 filhos, com 30 netos e um bisneto, o casal sempre viveu da agricultura familiar e dela tira o sustento de todos os dias. Há dois anos o casal conquistou uma cisterna de enxurrada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) e com ela melhorou sua produção no quintal de casa, deixando para trás a necessidade de ter que regar a água para tudo. O casal conta que ter acesso à água por muitos anos foi um sacrifício, e muitas vezes eles tiveram que se mudar da comunidade em busca dela.



Dona Iracema.

“Aqui era tormento grande na seca. Bebíamos água da cacimba, quando secava, a gente se mudava, carregava água na carga, era um sofrimento. Os outros moradores foram tudo embora, hoje tem as cisternas, tem o poço que a água não é muito boa, mas a gente vai juntando e ajuda muito”, conta Dona Iracema.

Dona Iracema e Seu Dodô primeiramente conquistaram a cisterna de 16 mil litros, do Programa Um Milhão de Cisterna (P1MC), da Articulação Semiárido Brasileiro, que guarda água da chuva para o consumo humano.

Há dois anos a cisterna de enxurrada proporcionou à família a possibilidade de plantar no quintal de casa e agora eles possuem um quintal bonito de se ver, muito diferente da realidade de outrora. “A gente nunca teve um quintal assim porque num tinha água. Nós tem aqui um poço, mas a água é pouca, fraquinha não dá pra plantar muito, só um canteirinho, pouca coisa”, conta Dona Iracema.



Cisterna de enxurrada da família.

No quintal hoje eles plantam tomate, pimentinha, coentro, pimenta de cheiro, alface, cebola, além de frutas, plantas medicinais e criam também galinhas e algumas cabeças de bode. O estrume usado nos canteiros vem dessas pequenas criações. O que produzem utilizam apenas para o consumo próprio. Eles também plantam milho e feijão e se o inverno é bom, o que colhem serve para a alimentação o ano todo. Perguntados se não pretendem vender o que sobra para aumentar a renda da família, eles respondem com sorriso largo: “Não sobra, nossos filhos são muitos, né? As bichinhas vem aqui e a gente dá ou manda quando vamos pela cidade, eles num tem cisterna, e é uma ajuda que a gente faz, porque eles não precisam comprar, tem aqui”, explica Dona Iracema.

O casal afirma que não coloca veneno nas suas verduras, se surge a praga eles usam defensivo natural, um feito com pó de castanha que Dona Iracema diz ter aprendido em um intercâmbio para a troca de experiência que ela participou em Pedro II, no Piauí. “Nós não bota veneno, porque se mata os bichinhos mata a gente também, essa receita do pó das castanhas a gente viu nas reuniões, eles me ensinaram como fazer, e deu certo”, explica Dona Iracema.

O casal conta que, apesar das dificuldades, nunca pensou em viajar pra longe para buscar vida melhor. Sua felicidade está aqui. A roça sempre foi sua luta, e através dela criaram seus filhos. Hoje eles são aposentados, e com a facilidade da água o quintal da casa virou o principal mimo do casal que se reveza para cuidar ou cuidam juntos. Os dois moram sozinhos, os filhos casaram e constituíram família, mas como vivem próximo sempre aparecem pra fazer uma visita. “As pessoas dizem: pra que uma casa desse tamanho pra vocês sozinhos? Dá é muito trabalho... mas é porque num reparam no tamanho que a família cresceu, tem dia aí que a casa num cabe, é genro, filho, neto... agora é que tem que ser grande mesmo, ainda mais que não precisamos mais ficar mudando, temos água, temos a terra...”, brinca Seu Dodô.



O quintal produtivo de Dona Iracema e Seu Dodô. ■

Realização

Apoio

